

Notas de Campo na Pesquisa Etnográfica¹

Robert M. Emerson, Rachel I. Fretz & Linda L. Shaw

A pesquisa de campo etnográfica envolve o estudo de grupos e pessoas enquanto elas conduzem suas vidas cotidianas. A realização desse tipo de pesquisa envolve duas atividades distintas. Primeiro, o etnógrafo adentra um determinado cenário social² que, em geral, não é previamente conhecido de forma íntima, e começa a conhecer as pessoas envolvidas nele. O pesquisador participa das rotinas diárias no ambiente, desenvolve relações contínuas com as pessoas que nele se encontram e observa nesse meio-tempo o que está acontecendo. De fato, o termo “observação participante” é, via de regra, usado para caracterizar essa abordagem básica de pesquisa. Segundo, o pesquisador põe no papel, de forma regular e sistemática, aquilo que ele observa e aprende durante sua participação nas rondas diárias³ da vida dos outros. Assim, o pesquisador cria um registro escrito acumulativo dessas observações e experiências. Essas duas atividades conexas formam o

1 EMERSON, Robert M.; FRETZ, Rachel I.; SHAW, Linda L. Fieldnotes in ethnographic research. In: Writing ethnographic fieldnotes. Chicago: University of Chicago Press, 1995. Tradução para a língua portuguesa por Leandro de Oliveira (Professor do Departamento de Ciências Sociais da URCA).

2 No original em inglês, “social setting”; poderia ser traduzido também como “ambiente” social (N. do T.).

3 No original em língua inglesa, “daily rounds”.

núcleo da pesquisa etnográfica: a participação em primeira mão em um mundo social a princípio desconhecido e a produção de relatos escritos sobre esse mundo, com base em tal participação. Nas seções seguintes, vamos examinar em detalhes cada uma dessas atividades e, em seguida, traçar suas implicações para a escrita de notas de campo.

A participação etnográfica

Etnógrafos se empenham em sair por aí e permanecer próximos das atividades e experiências cotidianas de outras pessoas. “Permanecer próximo” requer, minimamente, manter proximidade física e social da circulação diária dessas pessoas; o pesquisador de campo deve ser capaz de assumir posições no meio de cenas e locais-chave para a vida dos outros, a fim de observar e compreender. Mas existe, no “permanecer próximo”, outro componente muito mais relevante: o etnógrafo busca uma profunda imersão no mundo de outros, de modo a captar o que estes experimentam como algo dotado de importância e significado. Através da imersão, o pesquisador de campo vê, de dentro, como as pessoas conduzem suas vidas, como elas desempenham seus afazeres cotidianos, o que consideram significativo e como o fazem. A imersão na pesquisa etnográfica, conseqüentemente, confere ao pesquisador acesso à fluidez da vida de terceiros e melhora sua sensibilidade para processos e interações.

Além disso, a imersão possibilita que o pesquisador experimente por si mesmo, direta e forçosamente, as rotinas ordinárias e as condições em que as pessoas conduzem suas vidas, assim como os constrangimentos e as pressões aos quais tal modo de viver está sujeito. Goffman (1989, p.

125), em particular, defende que a pesquisa de campo envolve “sujeitar você mesmo, seu próprio corpo, sua própria personalidade e sua própria situação social ao arranjo de contingências que incidem sobre um conjunto de indivíduos, de modo que você possa física e ecologicamente penetrar no círculo de reações a tal situação social, de trabalho, ou étnica”. A “imersão” em pesquisa etnográfica implica, portanto, estar com outras pessoas para ver como elas respondem a eventos na medida em que ocorrem, e ao mesmo tempo, experimentar por si mesmo esses eventos e as circunstâncias que os originam.

Claramente, a imersão etnográfica exclui a possibilidade de realização de pesquisa de campo como um observador desengajado e passivo – o pesquisador de campo só pode se aproximar das vidas daqueles que estuda participando ativamente de seus afazeres cotidianos. Tal participação, além disso, inevitavelmente, implica algum grau de ressocialização. Compartilhando a vida cotidiana com certo grupo de pessoas, o pesquisador de campo acaba por “entrar na matriz de significados dos sujeitos pesquisados, participar de seu sistema de atividades organizadas, e sentir-se sujeito a seu código de regulação moral” (WAX, 1980, p. 272-73). Ao participar tão plena e humanamente quanto possível de uma outra forma de vida, o etnógrafo aprende o que é necessário para se tornar um membro desse mundo e também a experimentar eventos e significados sob formas que se aproximam das *experiências dos membros*⁴. De fato, alguns etnógrafos buscam fazer

4 O termo “membro” é extraído da etnometodologia, a qual é preocupada com o “domínio da linguagem natural” por pessoas comuns e, em última instância, com o “saber do senso comum acerca das atividades cotidianas” refletido em tais usos da linguagem (GARFINKEL e SACKS, 1970, p. 339)

pesquisa de campo fazendo e se tornando – na medida do possível – o que quer que eles estejam interessados em conhecer. Certos etnógrafos, por exemplo, tornaram-se hábeis em atividades de trabalho que estão procurando entender (DIAMOND, 1993; LYNCH 1985) ou de boa-fé se juntaram a igrejas ou grupos religiosos (JULES-ROSETTE 1975; ROCHFORD 1985), alegando que, ao se tornarem “membros”, teriam obtido *insight* e compreensão mais plenos sobre esses grupos e suas atividades. Ou, ainda, os nativos podem atribuir ao etnógrafo ou etnógrafa um papel, tal como o de “irmã” ou “mãe” em uma família extensa, que obriga à participação e à ressocialização, de modo a atender às expectativas locais (FRETZ, s/ d).

Ao aprender sobre os outros através da participação ativa em suas vidas e atividades, o pesquisador não pode e não deve tentar ser “uma mosca na parede”⁵. Nenhum pesquisador de campo pode ser um observador totalmente neutro, imparcial, independente e externo aos fenômenos observados (POLLNER e EMERSON, 1988). Pelo contrário: como o etnógrafo se engaja na vida e nas preocupações daqueles que estuda, sua perspectiva “se entrelaça com o fenômeno, que não tem características objetivas independentes da perspectiva e dos métodos do observador” (MISHLER, 1979, p 10). O etnógrafo não pode levar “tudo” em consideração; em vez disso, ele irá – em conjunto com outros participantes naquele cenário – desenvolver certas perspectivas por

5 Aqui, estamos assumindo que o pesquisador de campo adota *abertamente* um papel de pesquisador no ambiente ou cenário em que se dá a pesquisa, assumindo abertamente uma identidade de pesquisador. Para uma discussão sobre as vantagens da ‘pesquisa de campo oculta’ (*covert field research*), ver Douglas (1976); Schwartz e Jacobs (1979). Para considerações críticas acerca de pesquisas de campo ocultas, ver Erikson (1967) e Cassel (1980).

meio do engajamento em certas atividades e relações em vez de outras. Além disso, ocorre com frequência que as relações com aqueles sob estudo seguem linhas de atrito e fissuras políticas no cenário, expondo o etnógrafo seletivamente a prioridades e pontos de vista distintos. Como resultado, a tarefa do etnógrafo não é determinar “a verdade”, mas revelar as múltiplas verdades evidentes na vida dos outros⁶.

Além disso, dado que o pesquisador deve necessariamente interagir com aqueles que estuda (e, portanto, ter algum impacto sobre estes), a presença do etnógrafo em um determinado cenário tem implicações e consequências inevitáveis sobre o que está ocorrendo⁷. A “presença dotada de consequências”, muitas vezes associada a efeitos reativos – isto é, aos efeitos da participação do etnógrafo sobre como os membros poderiam vir a falar e se comportar –, não deve ser vista como algo que “contamina” o que é observado e aprendido. Pelo contrário, esses efeitos são a fonte em si mesma desse aprendizado e observação (CLARKE, 1975, p. 99). As relações estabelecidas entre o pesquisador de campo e as pessoas no ambiente não “perturbam” ou

6 Como Mishler (1979, p. 10) sugeriu: “[qualquer fenômeno] contém múltiplas verdades, que serão cada qual reveladas por uma mudança de perspectiva, método ou objetivos (...) A tarefa não é exaurir o significado único de um evento, mas revelar a multiplicidade de sentidos, e (...) é através do encontro do observador com o evento que estes sentidos aparecem”.

7 Ocasionalmente, o etnógrafo pode sentir que sua presença não é dotada de consequências, ou seja, que ele, de forma natural e não problemática, é “apenas um observador”. Contudo, essa impressão é, na verdade, efeito de uma conquista trabalhosa e contingente, que depende diretamente da cumplicidade e da colaboração dos observados (POLLNER e EMERSON, 1988). Pesquisadores de campo se amparam em uma série de práticas interacionais de modo a alcançar e sustentar o papel de “observador”, em face dos diversos empuxos e seduções para participar mais plenamente nos eventos em curso e, assim, num certo sentido, dissolver a própria distinção entre “observador” e “observado”.

“alteram” os padrões de interação social em curso tanto quanto *revelam* acerca dos termos e das bases pelos quais as pessoas, antes de mais nada, formam laços sociais. Por exemplo, numa aldeia sustentada em laços de parentesco, as pessoas podem adotar um pesquisador em uma família e lhe atribuir um termo de parentesco que, a partir de então, designará seus direitos e responsabilidades para com os outros. Em vez de desqualificar o que o pesquisador pode aprender, relações em primeira mão com os sujeitos estudados podem fornecer pistas para a compreensão de pressupostos subjacentes, mais sutis, que podem ser difíceis de acessar através dos métodos de observação ou de entrevista somente⁸. Consequentemente, em vez de visualizar a reatividade como um erro a ser cuidadosamente controlado ou totalmente eliminado, o etnógrafo precisa se tornar sensível e atento à forma como ele é visto e tratado por outros.

Considerar as inevitáveis consequências de nossa própria presença em campo retira qualquer mérito especial dos papéis do observador desengajado, não intrusivo e marginal, que tiveram longa influência como o ideal implícito na pesquisa de campo. Muitos etnógrafos contemporâneos defendem o engajamento em papéis altamente participativos (ADLER, ADLER, E ROCHFORD, 1986) em que o pesquisador de fato desempenha as atividades que são centrais para a vida das pessoas estudadas. Nessa perspectiva, assumir a responsabilidade real de efetivamente executar funções essenciais e tarefas, como em um programa de estágio e treinamento, oferece oportunidades especiais

8 Georges e Jones (1980) descrevem muitos exemplos de pesquisadores de campo cuja pesquisa se desenvolveu diretamente a partir do tipo de relação que eles estabeleceram com aqueles com quem se encontraram no campo.

para a aproximação, a participação e a experiência de vida em ambientes até então desconhecidos. O estagiário com responsabilidades concretas de trabalho ou o pesquisador que participa da vida da aldeia se engajam ativamente em atividades locais, sendo socializados para – e adquirindo empatia por – formas locais de agir e sentir.

Finalmente, a participação próxima e contínua na vida dos outros incentiva a apreciação da vida social como constituída por processos em curso, fluidos. Através da participação, o pesquisador de campo vê em primeira mão e de perto como as pessoas lidam com a incerteza e a confusão, como os significados surgem através da fala e da ação coletiva, como compreensões e interpretações mudam com o tempo. De todas essas maneiras, a proximidade da vida e das atividades diárias dos outros aumenta a sensibilidade do pesquisador à vida social como processo.

Inscrevendo realidades observadas/ vividas

Mesmo passando por uma ressocialização intensiva, o etnógrafo nunca se torna um “membro” – pelo menos não no mesmo sentido em que aqueles que se encontram “naturalmente” no cenário são “membros” do grupo⁹. O pesquisador planeja sair do cenário após uma estada relativamente breve, e sua experiência da vida local é colorida por essa transitoriedade. Como resultado, “a participação do pesquisador não é tão comprometida nem tão cerceada quanto a do nativo” (KARP e KENDALL, 1982, p. 257). Além disso, o pesquisador se orienta para

9 Por exemplo, o estagiário é constrangido por demandas do seu trabalho, perdendo na maioria das vezes a habilidade de se deslocar pelos entornos sem embaraço. Por outro lado, tanto o pesquisador quanto o estagiário são membros temporários no ambiente e, frequentemente, a eles é outorgado um *status* inferior, marginal.

muitos eventos locais não como a “vida real”, mas como objetos de possível interesse de pesquisa, como eventos que ele pode optar por escrever e preservar em notas de campo. Dessa forma, os compromissos de investigação e escrita qualificam a imersão etnográfica, fazendo com que o pesquisador de campo seja, no mínimo, algo como um estrangeiro e, no limite, um alienígena cultural¹⁰.

“Notas de campo” são relatórios que descrevem experiências e observações que o pesquisador teve ao participar de forma intensa e envolvida. Contudo, redigir relatos descritivos de experiências e observações não é um processo tão simples e transparente como poderia parecer inicialmente. Redigir uma descrição não é meramente uma questão de capturar com precisão, da maneira mais próxima possível, a realidade observada, de “colocar em palavras” atividades testemunhadas e conversas escutadas por acaso. Encarar a redação de descrições meramente como uma questão de produção de textos que corresponderiam com precisão ao que foi observado é assumir que existe somente uma única “boa” descrição de qualquer evento particular. Contudo, na verdade, não há uma forma “natural” ou “correta” de

10 Geertz (1976) e Bittner (1988) exploram algumas das implicações que se sucedem do reconhecimento de que um etnógrafo deve necessariamente permanecer, pelo menos parcialmente, um *outsider*. Em primeiro lugar, ter “estado lá” e “visto por mim mesmo” não os investe de uma autoridade convincente para escrever relatórios sobre outro mundo, dado que a experiência do etnógrafo sobre outro mundo não replica as experiências dos membros de forma absoluta, mas se aproxima delas. Ver também a discussão sobre o “realismo etnográfico” em Marcus e Cushman (1982). Segundo, os limitados compromisso e apreciação de constrangimentos do etnógrafo promovem uma compreensão dos mundos dos outros como subjetivamente percebidos e construídos – logo, sem os “traços de profundidade, estabilidade e necessidade que as pessoas reconhecem como inerentes de fato nas circunstâncias de sua existência” (BITTNER, 1988, p. 155).

escrever sobre aquilo que alguém observa. Pelo contrário: dado que descrições envolvem questões de percepção e interpretação, é possível produzir diferentes descrições dos “mesmos” eventos e situações.

Consideremos, por exemplo, as descrições apresentadas a seguir sobre o deslocamento através de “filas expressas” em três supermercados de Los Angeles, produzidas por três pesquisadores estudantes. Essas descrições compartilham uma série de características em comum: todas apresentam os eventos do ponto de vista dos consumidores e observadores se movimentando através das filas do “caixa rápido”; todas fornecem descrições físicas dos demais participantes relevantes nas filas (o caixa, outros fregueses) e de pelo menos alguns dos itens que estão sendo comprados; todas prestam minuciosa atenção a detalhes específicos do comportamento nas filas expressas. No entanto, cada um desses relatos de campo toma um rumo diferente na descrição de uma fila. Cada um seleciona e enfatiza certas características e ações, ignorando e marginalizando outras. Além disso, essas descrições são redigidas a partir de diferentes pontos de vista, moldando e apresentando o que aconteceu nas linhas expressas de diferentes maneiras – em parte porque os pesquisadores observam pessoas diferentes em ocasiões diferentes, mas também em parte porque eles fazem distintas opções na redação.

Fila expressa do Mercado Mayfair

Havia quatro pessoas na fila com suas compras separadas por uma barra de borracha retangular preta de 45 cm. Coloquei meus sacos congelados para baixo na esteira rolante e consegui alcançar uma das barras pretas no topo da caixa registradora, para separar meus artigos. A caixa era uma mulher na casa dos trinta, cerca de 1.55m de altura, de pele escura e cabelo castanho escuro e cacheado. Eu não conseguia

ouvir o que ela dizia, mas reconheci algum sotaque na sua fala. Ela vestia uma blusa branca, de mangas curtas, com um avental marrom-avermelhado¹¹ sobre os ombros. Ela usava uma gravata borboleta – não como as gravatas masculinas, mais frouxa e fofa. A etiqueta em letras vermelhas com seu nome, do seu lado esquerdo do seu peito, dizia “Candy”.

[Descreve os dois primeiros homens no início da fila] A mulher atrás dele era de pele escura, com cabelo liso castanho escuro cortado em estilo *pageboy*¹². Ela estava vestindo um suéter azul-piscina, com pescoço em “gola V”, e calças pretas. Em sua seção havia suco – uma lata de suco de abacaxi, e um pacote com seis “sucos de tomate V-8”. O cara na minha frente usava uma camisa pólo rosa e um *short* curto. Ele tinha 1.85m, era magro, bronzeado, com cabelo curto loiro, com um aro de ouro de 2,5 cm em sua orelha esquerda (tive a impressão de que ele era gay). Em seu espaço, ele tinha cenouras embaladas, um galão de leite integral e um pacote de pedaços de carne de porco.

Candy gastava pouco tempo com cada pessoa: ela dava um “Olá”, informava o valor, dinheiro era oferecido, e o troco colocado de volta sobre uma prateleira/suporte que estava na frente do cliente. Antes que Candy devolvesse à mulher de cabelos escuros seu troco, notei que o homem de camisa rosa havia se mudado para seu território espacial de “cliente” – provavelmente a uns 30 cm dela, e na posição que os outros haviam tomado quando era a vez deles, na frente do ‘suporte para preenchimento

11 No original, “maroon” (Nota do tradutor).

12 *Pageboy* é um estilo de corte de cabelo que foi relativamente popular nos anos 1950-1960, supostamente semelhante ao que seria adotado pelos jovens pajens ingleses no Renascimento – cabelos lisos com franja, cobrindo as orelhas – como, por exemplo, o corte de cabelo adotado pelos membros da banda musical *Beatles* (Nota do Tradutor).

de cheques'. (Me ocorreu que era interessante que as pessoas parecessem mais preocupadas com a separação apropriada da comida de uns e outros do que com a localização dos corpos).

(...)

À medida que caminhei em direção ao suporte (onde tudo parecia estar acontecendo), disse "Oi", Candy respondeu "Oi" de volta enquanto escaneava minhas compras com o *scanner* de preços.

Este observador descreve a linha espacialmente, em termos de pessoas individuais (aparência física e vestuário) e seus mantimentos, como foram deixados antes de serem levados adiante ("em seu espaço, ele tinha..."). Na verdade, este relatório destaca, como um tópico paralelo, o contraste entre o cuidado tomado para com a separação entre os itens de mercearia e o aparente descaso para com o espaço físico que ocorre na "prateleira de preenchimento de cheques", no momento em que um cliente está prestes a sair e o seguinte na fila a se posicionar.

Fila expressa do Ralph, manhã de Páscoa

Segui para a direita em direção à plataforma de *check-out* com minha alface, para guarnecer a salada de arroz que eu estava levando pro *brunch*, e minha garrafa de *Gewurtztraminer*, meu vinho favorito, que eu teria que gelar na meia hora seguinte. Quando me aproximei das plataformas, percebi que a fila de "somente até 10 volumes – apenas dinheiro" seria minha melhor escolha. Reparei que Boland estava atrás do balcão de registro. Ele é sempre muito afável comigo: "Ei, como você está?".

Fiquei atrás da mulher que já estava lá. Ela havia deixado uma das barras separadoras de borracha por

trás das coisas que ela ia comprar, um dos poucos gestos pessoais amigáveis que se pode fazer nesse tipo de fila altamente rotinizada. Apreciei isso, e teria agradecido a ela (sorrindo, provavelmente), mas ela já estava olhando para frente, antecipando sua saída, suponho. Depositei meu vinho e alface. Já havia alguém atrás de mim. Eu queria demonstrar a gentileza de oferecer uma barra separadora de borracha para os outros também. Esperei até que a comida na frente da minha tivesse sido movida adiante o bastante para que eu pudesse alcançar a barra, que estava na frente do local onde as barras ficam (existe uma palavra para isto? “Porta-barras?”), de modo que eu não tivesse que fazer um movimento largo e exagerado por sobre produtos que não eram os meus, atraindo atenção para mim. Aguardei e então, finalmente, a barra estava à vista. Peguei-a, e depois a coloquei atrás de meus artigos, olhando para a mulher atrás de mim e sorrindo para ela neste meio tempo. Ela pareceu contente e um pouco surpresa, e eu estava feliz por ter sido capaz de fazer esse pequeno favor. Ela era uma mulher bonita, loira, e estava comprando uma garrafa de champanhe (talvez também pro seu *brunch* de Páscoa?). Ela usava o que parecia ser um vestido de Páscoa – de algodão, bonito e florido. Ela parecia bastante jovem. Talvez da minha idade. Ela era muito alta para uma mulher, talvez 1.75m ou algo assim.

A mulher adiante de mim não demorou muito. Eu aprendera, razoavelmente bem, como aguardar em filas e não ficar impaciente. Boland, o caixa, me viu e disse “olá! Como você está?” ou algo parecido...

Essa observadora descreve a movimentação pela fila do modo como ela experimentou o processo, instante a instante, contextualizando suas leituras do comportamento dos outros a partir da maneira como ela

recebeu, compreendeu e reagiu a tais comportamentos. Esse estilo de descrição dá ao leitor acesso exclusivo aos pensamentos e emoções do observador: por exemplo, se o espaço é uma questão, esta é elaborada não em termos de distâncias físicas, mas de suas implicações subjetivas e emocionais para o observador (e. g., evitando “um movimento largo e exagerado por sobre produtos que não eram os meus”).

No próximo fragmento, o autor desloca o foco de si mesmo para os outros:

Fila Expressa do *Boy's Market*

(...) Peguei uma fila longa. Embora a loja estivesse calma, a fila do caixa rápido era longa. Um bocado de gente fez pequenas compras hoje. Eu estava atrás de um homem com apenas um pacote de pão de forma. Havia um carrinho de compras do lado dele, lá parado, e me ocorreu que alguém o abandonara (havia alguns itens dentro dele). Um minuto depois, um homem apareceu e o “reivindicou”, segurando-o. Ele não tentou, de fato, asseverar que estava de volta na fila. Aparentemente, ele saíra pra pegar algo que esquecerá. Contudo, ele também não se posicionou atrás de mim. Senti a necessidade de perguntar se ele estava na fila, de modo que eu não furasse a vez dele. Ele respondeu que sim; tentei me posicionar atrás dele – estávamos meio que lado a lado – e comentei “ok, sei que você está”. Uma senhora idosa estava atrás de mim agora. Ela levava seus produtos em um daqueles carrinhos que gente idosa costuma usar pra carregar suas compras pra casa. Ela estava folheando o *National Enquirer*, segurando um cupom na mão. Folheou algumas páginas do jornal, e depois voltou a colocá-lo na prateleira. Olhei adiante, em direção à pessoa cujos mantimentos estavam sendo passados – esta observava atentamente o preço de cada item, à medida que o mesmo aparecia na caixa

registradora.

A esta altura, o cara com quem eu tinha conversado primeiro, o cara que estava bem na minha frente, fez uma cara de espanto e passou por mim, em direção a um carrinho abandonado no fim do corredor. Ficou olhando pro conteúdo deste, manuseando com interesse os poucos itens que estavam no carrinho, e depois os colocando de volta. Me ocorreu que ele tinha visto outra coisa que queria, ou algo que tinha esquecido. Ele voltou para seu carro. Logo em seguida, no entanto, um funcionário do supermercado passou ali perto e ele o chamou, andando em direção ao carro e apontando: “Vocês recebem muitos itens como estes aqui atrás?”. O empregado hesitou, parecendo não entender a pergunta, e disse que não. O cara da fila disse: “Você vê o que tem aqui? Isto aqui é [um tipo de comida enlatada pra criança]. É comida de pobre. E você está vendo esta [palha de cobre pra limpeza de painéis]? Eles usam isso para fumar *crack*”¹³. O empregado olhou surpreso. O cara diz: “Eu só estava pensando. Isso é bem típico desta área”. O empregado: “Eu moro aqui e não sabia disso”. O cara: “Você não assistiu o canal 28 ontem à noite? O empregado: “Não”. O cara: “Eles fizeram um relatório sobre os problemas da cidade”. O empregado, se afastando: “Eu assisto apenas ao *National Geographic*, à *MacNeil-Lehrer Hour*, e à *NPR*”. Ele segue se afastando...

Nesse meio-tempo, o homem com o pão já tinha pagado. Enquanto ele aguarda, brevemente, por seu troco, o “cara” fala: “Longa espera por um pacote de pão de forma”. O outro respondeu: “pois é”, e acrescentou em tom jocoso, olhando para o caixa enquanto falava, como que para avaliar sua reação:

13 Alusão à prática de se usar esponjas metálicas de cobre como filtros para se fumar *crack*. (N. do T.)

“esses caixas são lentos”. O caixa não pareceu ter ouvido. O homem com o pão sai, o cara na minha frente está pagando agora. O cara fala pro caixa: “qual o problema? Final do teu turno? Não sobrou nenhum senso de humor?”. O caixa responde “Não. Estou cansado”. O cara: “Entendo”¹⁴. O cara fala para o empacotador: “Você pode embalar em papel e plástico, por favor, *Jacob* [ele enfatiza o uso do nome do empacotador]?”. Jacob obedece, mas não dá qualquer outro sinal de ter ouvido o outro. O cara aguarda o término da transação, encostado no corrimão e cantarolando a letra da música de fundo da loja. Algo de Peabo Bryson. A compra do cara termina. Ele agradece ao embalador, e este, em resposta, lhe deseja um bom dia.

O caixa diz, pra mim: “Como você está?”...

Nessas notas, o observador inicialmente redige para si mesmo um papel importante na fila, mas, em seguida, move-se para os bastidores, direcionando os refletores para o temperamento de uma pessoa que diz e faz certo número de coisas extravagantes enquanto está na fila. Essa fila expressa se torna uma minicomunidade, primeiramente marcada pelas trocas que se desenrolam entre as pessoas na fila, em seguida, arrastando para dentro de si um empregado que se encontrava de passagem, e culminando com as interações entre este personagem, o caixa e o embalador.

Escrever descrições de campo, então, não é tanto uma questão de registrar passivamente “fatos” que “de fato aconteceram”.

14 No original, “I hear you” – expressão sugestiva de certa ironia: conforme o tom/contexto de uso, pode expressar que o sujeito compreendeu (“ouviu”), porém, não concorda ou duvida de algo que lhe foi dito (N. do T.).

Pelo contrário, esta atividade de escrita envolve processos ativos de interpretação e atribuição de sentido: percebendo e pondo no papel algumas coisas como “relevantes”; percebendo, porém, ignorando outras como “não relevantes”, e inclusive deixando de perceber outras coisas possivelmente significativas, tudo isso simultaneamente. Em função disso, eventos similares (ou até o “mesmo” evento) podem ser descritos com diferentes propósitos, com diferentes preocupações e sensibilidades.

No tocante a esse ponto, é importante reconhecer que notas de campo envolvem *inscrições* da vida social e do discurso social. Tais inscrições inevitavelmente reduzem o tumulto e a confusão do mundo social a palavras escritas, que podem ser analisadas, estudadas e pensadas sucessivas vezes ao longo do tempo. Como Geertz (1973, p. 19) caracterizou este processo central da etnografia: “O etnógrafo inscreve o discurso social, ele o *põe no papel*. Procedendo deste modo, ele o transforma, de evento passageiro, que existe tão somente no momento em que ocorre, em um relato¹⁵, que existe em sua inscrição e pode ser novamente consultado”.

Como inscrições, notas de campo refletem (e são produto de) convenções para a transformação de eventos, pessoas e lugares testemunhados em palavras no papel¹⁶. Em parte, essa transformação envolve processos inevitáveis de seleção; o etnógrafo escreve sobre

15 No original, “an account”. (N. do T.)

16 De modo semelhante, Latour (1987, p. 68) conceitua a ciência de laboratório como uma forma distintiva de inscrição, focando o modo como cientistas transformam uma série de procedimentos laboratoriais em textos e encarando os vários instrumentos empregados para isso como “dispositivos de inscrição”. Ver também Latour e Woolgar (1979).

certas coisas e assim, necessariamente, “deixa de fora” outras. Contudo, mais do que isso, notas de campo descritivas também, inevitavelmente, apresentam ou enquadram um objeto de maneiras particulares, perdendo outras formas pelas quais esses eventos poderiam ter sido apresentados ou enquadrados. E essas apresentações refletem e incorporam as sensibilidades, os significados e as compreensões que o pesquisador de campo foi ganhando, por ter estado perto e participado dos eventos descritos.

Há outras maneiras de reduzir o discurso social à forma escrita. Questionários de *surveys*, por exemplo, registram “respostas” a perguntas pré-estabelecidas, por vezes reduzindo essas respostas a números, por vezes preservando algo das palavras dos próprios respondentes. Gravações de áudio e vídeo, que aparentemente capturam e preservam praticamente tudo que ocorre dentro de uma interação, na realidade, não apreendem senão uma fatia da vida social em curso. O que é registrado depende, em primeiro lugar, de quando, onde e como o equipamento é posicionado e ativado, o que este consegue captar mecanicamente, e como aqueles que estão sendo filmados ou gravados reagem a sua presença. Redução posterior ocorre com a representação de uma fatia de discurso incorporado como sequências de linhas em um texto escrito em uma “transcrição”, pois, enquanto a fala nos cenários sociais é um evento “multicanal”, “a escrita é linear por natureza, e só é capaz de gerir um canal por vez, de modo que esta precisa selecionar e escolher algumas das pistas disponíveis para a representação” (WALKER, 1986, p. 211). Uma transcrição, de fato, seleciona dimensões e conteúdos particulares do discurso para inclusão, ignorando outros – por exemplo, sinais não verbais que apontam para significados locais, como gestos, posturas e

olhares. Pesquisadores investigando performances orais dedicam um esforço considerável ao desenvolvimento de um sistema de notação para documentar a comunicação verbal e ao menos parte da não verbal; a qualidade do “texto folclórico” transcrito é fundamental, na medida em que ela “representa a performance através de outro meio” (FINE, 1984, p. 03). A transcrição nunca é uma reprodução literal do discurso, porque ela “representa (...) uma interpretação e seleção analítica” (PSATHAS e ANDERSON, 1990, p. 75) da fala e da ação; ou seja, uma transcrição é o produto do processo de decisões analíticas e interpretativas de um transcritor acerca de uma variedade de assuntos problemáticos: como transformar a fala espontânea em palavras escritas (em face de elisões naturais da fala); como determinar onde pontuar, de modo a indicar uma frase ou sentença completa, dada a falta de clareza das finalizações na fala comum; a decisão de representar ou não coisas como ‘espaços’ e ‘silêncios’, sobreposição de falas e sons, acentos rítmicos e volume, sons e palavras inaudíveis ou incompreensíveis¹⁷. Em suma, até mesmo aqueles meios que os pesquisadores reivindicam que se aproximariam a um “espelhamento objetivo” fazem necessariamente reduções na complexidade da experiência social vivida – similares, em princípio, às realizadas na escrita das notas de campo¹⁸.

17 Todos esses tópicos têm que ser manejados através do desenvolvimento de séries de convenções de escrita. Ver Psathas e Anderson (1990) para uma revisão dos “símbolos de transcrição” centrais utilizados na produção de transcrições para a análise de conversações.

18 Comparando notas de campo com transcrições de gravações de áudio e vídeo enquanto diferentes métodos de redução do fluxo da vida social a textos, não pretendemos sugerir um modelo de pesquisa etnográfica que empregue somente o primeiro. Pelo contrário, a maioria dos pesquisadores de campo contemporâneos de ampara fortemente sobre *ambos*, sobre notas de campo e gravações. Os manuais de pesquisa de campo, hoje em dia, usualmente discutem métodos variados de documentação da pesquisa, e

Dado o reducionismo de qualquer método de inscrição, a escolha do método reflete as assunções mais profundas do pesquisador acerca da vida social e do modo de compreendê-la. O trabalho de campo e, em última instância, as notas de campo, são assentados numa visão da vida social como continuamente criada pelos esforços das pessoas para encontrar e conferir sentido a suas ações e às de terceiros. Dessa perspectiva, a entrevista e a gravação têm sua utilidade. Na medida em que os participantes estão dispostos e são capazes de descrever essas características da vida social, uma entrevista pode se revelar uma ferramenta preciosa. Da mesma forma, uma gravação de vídeo fornece um valioso registro de palavras efetivamente proferidas e gestos efetivamente feitos. Contudo, o *ethos* do trabalho de campo sustenta que, para compreender e apreciar a ação a partir da perspectiva dos participantes, é preciso se aproximar e participar de um amplo leque de suas atividades diárias durante um período prolongado de tempo. “Etnografia”, como Van Maanen (1988, p.ix) insiste, é “a prática peculiar

dão especial ênfase aos equipamentos de gravação (e.g., Goldenstein, 1964; Ellen, 1984; Jackson, 1987; Wilson, 1986). Stone e Stone (1981), em particular, descrevem as várias formas de mídia empregadas pelos pesquisadores e discutem os tipos de codificação envolvidos, começando pelas notas de campo e se movendo para as gravações. A ênfase relativa colocada sobre a escrita de notas de campo por oposição à gravação, contudo, varia conforme a natureza da disciplina e projeto do pesquisador de campo. Muitos etnógrafos, por exemplo, frequentemente gravam entrevistas informais ao mesmo tempo em que escrevem extensivas notas – prática essencial quando trabalhando em uma língua estrangeira, e frequentemente valiosa quando trabalhando em sua própria língua e cultura. De modo similar, outros pesquisadores de campo complementam seus registros de notas de campo por meio da gravação sistemática de ocasiões significativas ou eventos periódicos que sejam centrais para suas preocupações teóricas. Em contraste, pesquisadores de campo estudando a fala, formas de expressão e tradições orais – tais como sociolinguistas, folcloristas e historiadores orais – frequentemente concedem primazia às gravações em fita, mas ainda assim escrevem detalhadas notas de campo para suplementar os relatos verbais com detalhes contextuais.

de representar a realidade social dos outros através da análise de sua própria experiência no mundo destes outros”. Notas de campo são, destacadamente, um método para capturar e preservar as percepções e compreensões estimuladas por essas experiências vividas em situação de proximidade e a longo prazo. Assim, notas de campo inscrevem as compreensões e *insights*, por vezes incipientes, que o pesquisador adquire através da imersão íntima em outro mundo, pela observação em meio a atividades mundanas e crises barulhentas, pelo embate direto com as contingências e os constrangimentos da vida cotidiana de outras pessoas. Na verdade, é exatamente essa imersão profunda – e o sentido de “lugar” de que a imersão se reveste e que é por esta reforçado – que habilita o etnógrafo a inscrever as notas de campo detalhadas, sensíveis ao contexto e localmente informadas que Geertz (1973) denomina como “descrição densa”.

Esse caráter experiencial das notas de campo também se reflete nas mudanças no seu conteúdo e nas suas preocupações ao longo do tempo. Notas de campo crescem através de acréscimo gradual, adicionando à escrita de cada dia a do dia seguinte. O etnógrafo escreve notas de campo específicas, de modos específicos, que não são pré-determinados ou pré-estabelecidos; logo, notas de campo não são coleções ou “amostras” da mesma maneira que as gravações de áudio podem ser, ou seja, definidas previamente conforme os critérios estabelecidos. Escolher o que pôr no papel não é um processo de amostragem de acordo com um princípio fixado a *priori*. Pelo contrário, é um processo simultaneamente intuitivo, refletindo a percepção dinâmica do etnógrafo acerca do que poderia ser tornado interessante ou importante no futuro, e empático, expressando a percepção do etnógrafo sobre o que é interessante ou importante para

as pessoas que ele está observando.

Implicações para a escrita das notas de campo

Extraímos quatro implicações de nossa compreensão da etnografia como a inscrição da experiência de participação: (1) aquilo que é observado e, em última instância, tratado como “dado” ou “descoberta”, é inseparável do processo de observação; (2) ao escrever notas de campo, o pesquisador deve dar atenção especial aos significados e preocupações das pessoas estudadas; (3) notas de campo escritas hoje são um alicerce e um recurso essencial para a redação posterior de relatos mais amplos e mais coerentes sobre as vidas e preocupações dos outros; (4) tais notas de campo devem detalhar os processos sociais e interacionais que constituem a vida e as atividades diárias das pessoas.

A inseparabilidade de “métodos” e “descobertas”

Formas de participar e de aprender sobre a vida quotidiana dos outros constituem peças-chave dos métodos etnográficos. Esses “métodos” determinam o que o pesquisador de campo vê, experimenta e aprende. Contudo, se a substância (“dados”, “fatos”, “achados”) é produto do método utilizado, ela não pode ser considerada independente do método; aquilo que a etnógrafa ou etnógrafo descobre está intrinsecamente ligado à forma como ela ou ele o descobre. Como resultado, esses métodos não deve ser ignorados. Pelo contrário, devem compreender uma parte importante das notas de campo redigidas. Torna-se, assim, fundamental para o etnógrafo documentar suas próprias atividades, circunstâncias e respostas emocionais, na medida

em que esses fatores moldam o processo de observar e registrar a vida dos outros¹⁹.

Desse ponto de vista, a própria distinção entre “dados” do trabalho de campo e “reações pessoais”, entre “registros”, “diários” e “agendas de atividades” é profundamente enganadora (SANJEK, 1990). Evidentemente, o etnógrafo pode separar aquilo que ele diz e fala daquilo que ele observa outros dizendo e fazendo, tratando este último material como se ele não fosse afetado pelo primeiro²⁰. Contudo, tal separação distorce o processo do inquirido e o significado dos “dados” de campo, de meia dúzia de maneiras relevantes. Primeiramente, essa separação trata os dados como “informação objetiva”, que teria um significado fixo, independente de como (ou através de quem) a informação foi trazida à tona ou estabelecida. Dessa forma, as ações do próprio etnógrafo, incluindo seus sentimentos e reações, são vistas como independentes e desvinculadas dos eventos envolvendo terceiros, que constituem as “descobertas” ou “observações” quando são postos no papel. Segundo, essa separação assume que as reações e percepções “subjetivas” poderiam e deveriam ser controladas através de sua segregação dos registros “objetivos” e impessoais. E, por fim, tal controle é considerado essencial porque experiências pessoais e emocionais são desvalorizadas,

19 Certo número de pesquisadores examinou os modos plurais pelos quais as relações humanas no campo influenciam os achados finais da pesquisa: ver, particularmente, Clarke (1975); Ellis (1991); Emerson (1988, p. 175-252); Georges e Jones (1980); Kleinman (1991); Reinharz (1979).

20 Como alguns pesquisadores (CLIFFORD, 1983; STODDARD, 1986) demonstraram, a aparente “objetividade” e “autoridade” dos dados etnográficos (e dos “dados científicos”, de modo mais abrangente) é alcançada, em parte, justamente ignorando ou suprimindo sua dependência com relação à pessoa do pesquisador e seus métodos de investigação e escrita.

compreendendo uma “contaminação” dos dados objetivos, mais do que vias de acesso a uma intuição acerca dos processos significantes no cenário.

Vincular método e substância nas notas de campo tem uma série de vantagens. Isso estimula o reconhecimento de que as “descobertas” não são absolutas e invariáveis, mas contingentes às circunstâncias de sua “descoberta” pelo etnógrafo. Além disso, tal vinculação previne ou pelo menos desencoraja o etnógrafo a tomar a versão de uma determinada pessoa sobre algo que ocorreu ou que é importante como a versão “completa” ou “correta”. Pelo contrário, “aquilo que aconteceu” é um relato, feito por uma pessoa específica a outra pessoa específica, em um lugar e tempo específicos, com propósitos específicos. De todas essas formas, conectar método e substância conforma uma sensibilidade às realidades múltiplas e situacionais daqueles estudados no cerne da prática de campo.

A busca dos significados nativos

Em contraste com estilos de pesquisa de campo que incidem sobre o comportamento dos outros sem uma atenção sistemática ao que tal comportamento significa para as pessoas engajadas neste, compreendemos a etnografia como comprometida com o desvelar e o retratar desses significados nativos. O objetivo da participação é, em última instância, aproximar-se dos sujeitos estudados, visando compreender o que suas experiências e atividades *significam para eles*²¹.

21 A preocupação com os significados nativos e o fornecimento de “relatos sobre outros mundos a partir do seu interior” (MARCUS e FISHER, 1986, p. 26) marcou a

O etnógrafo deve tentar escrever notas de campo de modo a capturar e preservar significados nativos. Para isso, deve aprender a reconhecer e limitar a dependência em pré-noções acerca da vida e das atividades dos membros. Ele deve se tornar sensível àquilo com que as outras pessoas estão preocupadas, nos termos destas. Contudo, embora as notas de campo versem sobre os outros, sobre suas preocupações e ações recolhidas através de imersão empática, tais notas refletem e transmitem, necessariamente, a compreensão do etnógrafo acerca dessas preocupações e ações. Assim, notas de campo são relatos escritos que filtram as experiências e preocupações dos membros através da pessoa e das perspectivas do etnógrafo; notas de campo fornecem o relato do etnógrafo, e não dos membros, acerca de experiências, significados e preocupações vividos por eles.

Pode parecer, a princípio, que as formas de etnografia preocupadas com a “multivocalidade” (CLIFFORD e MARCUS, 1986, p. 15) ou histórias orais e etnografias feministas (STACEY, 1991) que buscam permitir aos membros “falar com suas próprias vozes” poderiam evitar totalmente a mediação do pesquisador. Contudo, mesmo nesses casos, os investigadores continuam a selecionar o que observar, a fazer perguntas, ou a enquadrar a natureza e o propósito da entrevista, de tal maneira que não se podem evitar os efeitos de mediação (ver MILLS, 1990).

Escrevendo notas de campo hoje

Em contraste com visões que sustentam que as notas de campo seriam, na melhor das hipóteses, muletas, e, na pior das hipóteses,

emergência da “antropologia interpretativa” nos anos 1960 e 1970.

vendas nos olhos, compreendemos que as notas de campo fornecem os recursos primordiais para uma apreciação mais profunda de como os pesquisadores de campo acabam interpretando e se apropriando das ações e preocupações dos outros. A esse respeito, as notas de campo oferecem compreensões sutis e complexas das rotinas e dos significados vividos por essas outras pessoas.

Como argumentado anteriormente, o pesquisador de campo vem a compreender as maneiras dos outros, tornando-se parte de suas vidas e aprendendo a interpretar e experimentar eventos do modo como estes fazem. É de importância crítica documentar de perto esses processos sutis de aprendizagem e ressocialização *à medida que ocorrem*; a permanência contínua no campo tende a diluir ao longo do tempo as percepções geradas pelo contato inicial com um modo de vida desconhecido. A participação a longo prazo dissolve as percepções iniciais que surgem na descoberta e na adaptação ao que é significativo para os outros; isso embota as sensibilidades iniciais para padrões sutis e tensões subjacentes. Em suma, o pesquisador ou pesquisadora de campo não aprende sobre as preocupações e os significados dos outros de uma só vez, mas em um processo constante e contínuo, no qual constrói uma nova visão e compreensão sustentadas em percepções e compreensões anteriores. Ao invés de tentar reconstruí-los em um momento posterior, à luz de uma interpretação final e definitiva do seu significado e relevância, os investigadores devem documentar esses processos e estágios enquanto emergem. Notas de campo fornecem um recurso específico para a preservação das experiências perto de seu momento de ocorrência e, portanto, para o aprofundamento da reflexão e da compreensão sobre essas experiências.

Considerações similares se sustentam a propósito da análise das “descobertas” do etnógrafo sobre as pessoas estudadas e suas atividades rotineiras. Produzir um registro dessas atividades o mais próximo possível a sua ocorrência preserva seu caráter idiossincrático e contingente, em contraponto às tendências homogeneizantes da lembrança retrospectiva. Em notas de campo imediatamente redigidas, qualidades e características distintivas são agudamente desenhadas, suscitando memórias vívidas e imagens quando o etnógrafo relê suas notas para codificação e análise. Além disso, as características distintivas e únicas de tais notas de campo, trazidas pra dentro da análise final, criam textura e variação, evitando o achatamento que deriva da generalidade.

A importância dos detalhes da interação

Os pesquisadores de campo procuram se aproximar dos outros no intuito de compreender seus modos de vida. Para preservar e expressar essa proximidade, devem descrever situações e eventos de interesse em detalhe. Evidentemente, não se podem estabelecer padrões absolutos para determinar quando há “detalhes suficientes”. O quão próximo alguém deve olhar e descrever depende da personalidade, da orientação e da disciplina do pesquisador. Todavia, muitos etnógrafos dão conta dos eventos observados de uma forma íntima ou “microscópica” (GEERTZ, 1973, p. 20-23) e, na escrita das notas de campo, buscam recontar o que “aconteceu” com minuciosos detalhes.

Para além desse compromisso geral “microscópico”, no entanto, nossa abordagem especificamente interacionista nos conduz a exortar os escritores a valorizarem relatórios próximos e detalhados sobre a

interação. Em primeiro lugar, o registro dos detalhes da interação ajuda o etnógrafo a se tornar sensível para (e a esboçar e a analisar) interconexões entre método e substância. Dado que o pesquisador descobre coisas sobre os outros interagindo com estes, é importante observar minuciosamente e registrar as condições marcando tais interações e sua sequência. Em segundo lugar, ao preservar os detalhes da interação, o pesquisador se torna mais habilitado a identificar e acompanhar os processos em eventos testemunhados e, portanto, a desenvolver e sustentar interpretações processuais sobre acontecimentos ocorridos no campo. Sustentamos que a pesquisa de campo é particularmente adequada para documentação da vida social como um processo, como sentidos que emergem dentro e através da interação social (BLUMER, 1969). Estar alerta aos detalhes da interação amplia as possibilidades para o pesquisador de enxergar além de entidades estáticas e fixas e de captar o “fazer” ativo da vida social. Escrever notas de campo o mais rápida e completamente possível, após a ocorrência de eventos de interesse, favorece descrições detalhadas dos processos de interação através dos quais os participantes no cenário social criam e sustentam realidades sociais específicas.

Reflexões: a escrita de notas de campo e a prática etnográfica

A etnografia é uma empreitada ativa. Ela incorpora, ativamente, dois impulsos. Por um lado, a etnógrafa ou o etnógrafo deve construir seu caminho em meio a novos mundos e novas relações. Por outro, ela/ele deve aprender a representar de forma escrita aquilo que pode ver e compreender como resultado dessas experiências.

É fácil traçar um nítido contraste entre essas atividades, entre

fazer trabalho de campo e escrever notas de campo; afinal, enquanto no campo, os etnógrafos devem frequentemente escolher entre “participar de conversas em lugares desconhecidos” (LEDERMAN, 1990, p. 72) e retirar-se para algum lugar mais privado para escrever sobre essas conversas e eventos testemunhados. Ao localizar a “etnografia real” no tempo gasto conversando e ouvindo os sujeitos da pesquisa, muitos etnógrafos não apenas polarizam, mas também desconsideram a escrita das notas como um componente central do trabalho de campo. “Fazer” e “escrever” não deveriam ser vistos como atividades separadas e distintas, mas como atividades dialeticamente relacionadas e interdependentes. Redigir relatos sobre o que aconteceu durante os encontros face a face com outros no campo é uma parte muito importante do fazer da etnografia – como Geertz enfatiza, “o etnógrafo *inscreve* o discurso social” (1973, p. 19). Esse processo de inscrição (de escrita de notas de campo) auxilia o pesquisador, antes de mais nada, a compreender o que ele vem observando – e, desse modo, habilita-o a participar de novas maneiras, a ouvir com mais perspicácia e a observar com novas lentes.

Embora os etnógrafos cada vez mais reconheçam a centralidade da escrita em seu ofício, eles frequentemente divergem quanto à maneira de caracterizar tal escrita e sua relação com a pesquisa etnográfica. Alguns antropólogos criticam a noção de Geertz de “inscrição” como demasiadamente mecânica e simplista, por ignorar que o etnógrafo não escreve sobre um “evento passageiro”, mas sim sobre algo “previamente formulado, discurso ou narrativa fixo”. Conseqüentemente, a inscrição deveria, mais apropriadamente, ser chamada de “transcrição” (CLIFFORD, 1990, p. 57). A noção de “inscrição” também tem sido criticada por ser demasiado enredada nos supostos de uma “etnografia de resgate”, que

remonta aos esforços de Franz Boas para “pôr no papel” culturas orais antes que estas, suas línguas e seus costumes desapareceram (CLIFFORD 1986, p. 113). Com efeito, etnógrafos sugeriram certo número de formas alternativas de caracterizar a escrita etnográfica. Os antropólogos usam, frequentemente, a noção de “tradução” (ou “tradução cultural”) para se referir à escrita de uma versão sobre uma determinada cultura que visa torná-la compreensível para leitores que vivem em outra. Clifford (1986) e Marcus (1986) usam o termo mais abstrato “textualização” para se referir aos processos genéricos pelos quais uma etnografia “traduz a experiência em texto” (CLIFFORD, 1986, p. 115). E, sociólogos, notadamente Richardson (1990), descrevem o núcleo da escrita etnográfica como prática de “narração”.

Em geral, no entanto, essas abordagens confundem a redação final das etnografias com a redação de notas de campo etnográficas; desse modo, são incapazes de iluminar adequadamente os principais processos e recursos de produção de notas de campo. De fato, cada uma dessas abordagens tem contemporaneamente implicações para a escrita sobre eventos testemunhados no campo. Primeiramente, “tradução” implica na reconfiguração de um conjunto de conceitos e termos para outro – ou seja, o etnógrafo busca por conceitos comparáveis e termos análogos. Em certo sentido, ao redigir notas de campo, o etnógrafo ou a etnógrafa está sempre interpretando e traduzindo em texto o que ele ou ela vê, mesmo quando escreve essas notas apenas para si mesmo. É claro que, ao compor a etnografia final, o escritor não se limita a traduzir conceitos, mas também a todo um modo de vida para um público futuro que pode não estar familiarizado com o mundo que ele descreve. Em segundo lugar, a “narração” frequentemente caracteriza de forma apropriada

o processo de escrever sobre experiências vividas em um dia em uma entrada nos cadernos de campo. No entanto, nem todas as experiências de vida são bem representadas como histórias integradas; uma narrativa pode comprimir interações abertas ou desarticuladas em uma sequência coerente e interligada. Assim, embora muitas notas de campo dissertem sobre um determinado dia em um modo “narrativo”, rerepresentando o que aconteceu em uma ordem cronológica, a maioria das entradas não tem qualquer estrutura global que una os acontecimentos diários em uma história com um argumento central. Como resultado, a narrativa nas notas de campo é, geralmente, fragmentada e episódica. Finalmente, a noção de “textualização” claramente se centra na transformação mais ampla da experiência em texto, não apenas nas etnografias finais, mas especialmente na escrita das notas de campo. De fato, essa transformação ocorre pela primeira vez nos escritos preliminares e diversificados produzidos em campo. Além disso, essas notas de campo frequentemente prefiguram os textos finais!

Em suma, os processos fluidos e abertos de escrita das notas de campo ressoam com o imaginário de todas essas abordagens. As “notas de campo” fazem mais do que ‘registrar’ observações; jamais são uma simples questão de inscrever o mundo. Em um sentido fundamental, elas constituem um modo de vida através das próprias escolhas de escrita que o etnógrafo faz e das histórias que ele conta, pois, através de sua escrita, o etnógrafo transmite suas percepções e compreensões para futuros leitores não familiarizados com essas vidas, essas pessoas e esses eventos. Ao escrever uma nota de campo, então, o etnógrafo faz mais que meramente colocar acontecimentos em palavras. Pelo contrário, tal escrita é um processo interpretativo: é o primeiro de todos os atos

de textualização. Na verdade, esse trabalho muitas vezes “invisível” – a redação de notas de campo etnográficas – é a textualização primordial que cria um mundo na página e, em última instância, molda o texto etnográfico final, publicado.

Referências Bibliográficas

ADLER, Patricia A; ADLER, Peter & ROCHFORD, E. Burke. The politics of participation in field research. *Urban Life* (14), p. 363-376. 1986

BITTNER, Egon. Realism in field research. In: EMERSON, Robert M. (ed.). *Contemporary Field Research: a collection of readings*. Prospect Heights: Waveland, 1988. p. 149-155.

CASSELL, Joan. Ethical Principles for Conducting Fieldwork. *American Anthropologist* 82, p. 28-41. 1980.

CLARKE, Michael. Survival in the field: implications of personal experience in the field word. *Theory and Society* (2), p. 95-123. (1975)

CLIFFORD, James. Notes on (field)notes. In: SANJEK, Roger (ed). *Fieldnotes: the making of anthropology*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press. 1990.

_____. On Ethnographic Allegory. In: CLIFFORD, J. e MARCUS, G. E. *Writing Culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986. p. 98-121.

CLIFFORD, James & MARCUS, George E. *Writing Culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of California Press. (1986)

DIAMOND, Timothy. *Making grey gold: narratives of nursing home care*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

DOUGLAS, Jack D. *Investigative Social Research: individual and team field research*. Beverly Hills: Sage Publications, 1976.

ELLEN, R. F. *Ethnographic Research: a guide to general conduct*. London: Academic Press, 1984.

- ELLIS, Carolyn. Sociological introspection and emotional experience. *Symbolic Interaction*, 14, p. 23-50, 1991.
- EMERSON, Robert. On the uses of members responses to researchers accounts. *Human Organization*, 47, p. 189-198, 1988.
- ERIKSON, Kai T. A comment on disguised observation in sociology. *Social Problems* n. 12, p. 366-373, 1967.
- FINE, Elizabeth C. *The folkore text: from performance to print*. Bloomington: University of Indiana Press, 1984.
- FRETZ, Rachel I. *Storytelling as doing: constructing each other in ethnographic research*. s/d.
- GARFINKEL, Harold ; SACKS, Harvey . On formal structures of pratical actions. In: MCKINNEY, J. C. e TIRYAKIAN, E. A. (eds) *Theoretical Sociology*. New York: Appleton Century Crofts, 1970.
- GEERTZ, Clifford. Thick description: toward an interpretative theory of culture. In: *The Interpretation of Culture*. New York: Basic Books, 1973. p. 3-30.
- GEERTZ, Clifford. From the Native's Point of View: on the nature of anthropological understanding. In: BASSO, K. H.; SELBY; H. A. (eds). *Meanings in Anthropology*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1976. p. 221-237.
- GEORGES, Robert A; JONES, Michael O. *People Studying People: the human element in fieldwork*. Berkeley: University of California Press, 1980.
- GOFFMAN, Erving. On Fieldword. *Journal of Contemporary Ethnography* (18), p. 123-132, 1989.
- GOLDENSTEIN, Kenneth S. *A Guide for Field Workers in Folklore*. Hatboro: Folklore Associates, 1964.
- JACKSON, Bruce. *Fieldwork*. Chicago: University of Illinois Press, 1987.
- JULES-ROSETTE, Bennetta. *Vision and realities: aspects of ritual and conversion in african Church*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1975.
- KARP, Ivan & KENDALL, Martha B. Reflexivity in fieldwork. In: SECORD, Paul F. (ed) *Explaining human behavior: consciousness, human action and social structure*.

Beverly Hills, Calif.: Sage, 1982. p. 249-273.

KLEINMAN, Sherry. "Field-workers" feelings: what we feel, who we are, how we analyze. In: SHAFFIR, William B.; STEBBINS, Robert A. (eds). *Experiencing Fieldwork: an inside view of qualitative research*. Newbury Park, California: Sage Publications, 1991.

LATOUR, Bruno. *Science in Action: how to follow scientists and engineers through society*. Cambridge: Harvard University Press, 1987.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. *Laboratory Life: The Social Construction of Scientific Facts*. Beverly Hills: Sage Publications, 1979.

LEDERMAN, Rena. *Pretexts for Ethnography: on reading fieldnotes*. In: SANJEK, Roger (ed). *Fieldnotes: the making of anthropology*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1990.

LYNCH, Michael. *Art and artifact in laboratory science: a study of shop work and shop talk in a research laboratory*. London: Routledge and Kegan Paul, 1985.

MARCUS, George E.; CUSHMAN, Richard. *Ethnographies as texts*. *Annual Review of Anthropology* 11, p. 25-69, 1982.

MARCUS, George E.; FISCHER, Michael M. *Anthropology as Cultural Critique*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

MILLS, Margaret A. *Critical Theory and the Folklorists: performance, interpretative authority and gender*. *Southern Folklore* (47), p. 05-15. 1990.

MISHLER, Elliot G. *Meaning in context: is ther any other kind?*. *Harvard Education Review* (49),p. 01-19, 1979.

POLLNER, Melvin ; EMERSON, Robert M. *The Dynamics of Inclusion and Distance in Fieldwork Relations*. In: EMERSON, Robert M. (ed) *Contemporary Field Research: a collection of readings*. Prospect Heights, Ill.: Waveland. 1988. p. 235-252

PSATHAS, George & ANDERSON, Timothy. *The "practices" of transcription in conversation analysis*. *Semiótica* (78), p. 75-99, 1990.

REINHARZ, Shulamit. *On Becoming a Social Scientist: from survey research and participant observation to experiential analysis*. San Francisco: Jossey-Bass, 1979.

- RICHARDSON, Laurel. *Writing Strategies: reaching diverse audiences*. Newberry Park: Sage Publications, 1990.
- ROCHFORD JR., E. Burke. *Hare Krishna in America*. New Brunswick, N. J.: Rutgers University Press, 1985.
- SANJEK, Roger. A vocabulary for fieldnotes. In: SANJEK, Roger (ed). *Fieldnotes: the making of anthropology*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1990.
- SCHWARTZ, Howard; JACOBS, Jerry. *Qualitative Sociology: a method to the madness*. New York: The Free Press, 1979.
- STACEY, Judith. Can there be a Feminist Ethnography? In: Gluck, Sherma B. e PATAI, Daphne. *Woman's Words*. New York: Routledge, 1991. p. 111-119.
- STODDARD, Kenneth). The presentation of everyday life: some textual strategies for "adequate ethnography". *Urban Life* (15), p. 103-121, 1986.
- STONE, Ruth M; STONE, Verlon L. Event, feedback and analysis: research media in the study of music events. *Ethnomusicology*, 25, p. 215-225, 1981.
- VAN MAANEN, John. *Tales of the field: on writing ethnography*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- WALKER, Anne Graffam. The Verbatim Record: the myth and the reality. In: FISHER, Sue & TODD, Alexandra Dundas (eds) *Discourse and institutional authority: medicine, education and law*. Norwood, N. J.: Ablex Publishing, 1986. p. 205-222.
- WAX, Murray L. On Fieldworkers and those exposed to fieldwork: federal regulations and moral issues. *Human Organization* (36), p. 321-328, 1980.
- WILSON, William A. Documenting Folklore. In: ORING, Elliot (ed.) *Folk Groups and Folklore Genres: an introduction*. Logan: Utah State University Press, 1986. p. 225-254.